

O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS* E A CURADORIA DAS INFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO DE TEXTOS

Anízio Antônio Pirozi (UNIFSJ)

apirozi@fsj.edu.br

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasantana.460@gmail.com

RESUMO

Na sociedade liberal democrática ou pós-moderna, imersa na era da globalização, um termo tem ganhado cada vez mais força na mídia e nas redes sociais, as *fakes news*. Em decorrência à tese da liquidez de Bauman, pode-se inferir que as *fakes news*, são consequências de uma mudança comportamental, onde os pilares culturais são formulados e transmitidos, rapidamente lidos e compartilhados, destituídos de qualquer filtro ou apuração por parte dos indivíduos, o que requer uma análise crítica dos textos. Este trabalho objetiva discutir a liquidez das informações mediante o fenômeno das *fake news* frente as manifestações culturais e educacionais. Para sua construção, realizou-se pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos, composta de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado.

Palavras-chave:

Edição de textos. *Fake news*. Filtragem de informações.

ABSTRACT

In the liberal democratic or post-modern society, immersed in the era of globalization, a term has gained increasing strength in the media and social networks, the fake news. Due to Bauman's liquidity thesis, it can be inferred that fake news are consequences of a behavioral change where cultural pillars are formulated and transmitted, quickly read and shared, devoid of any filter or investigation by the individuals, the which requires a critical analysis of the texts. This work aims to discuss the liquidity of information through the phenomenon of fake news facing cultural and educational manifestations. For its construction, a bibliographical research was carried out, based on books and scientific articles, composed of theoretical sources that support the search for answers on the approached theme.

Keywords:

Fake news. Text editing. Filtering of information.

1. Introdução

Entendidas como sendo um dos fenômenos que permeiam, o que o ganhador do prêmio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa (2013) a chamada Civilização do Espetáculo, cujo conjunto de obrigações morais e sociais foram mediocrizados em âmbitos políticos, culturais, filosóficos e sociais na medida em que “a quantidade dos conteúdos superou a qua-

lidade” (LLOSA, 2013, p. 31). O autor provocou uma série de efeitos colaterais propensos às piores demagogias no âmbito político que reverberou em uma massificação de informações e comportamentos que alteraram significativamente os valores essenciais da vida em sociedade.

Em outras palavras, baseados nos estudos de Bauman (2013) essa mudança de paradigma que constituíram a transformação da modernidade de sua fase “sólida” para a “líquida”, se justifica no fato de que “nenhuma das formas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo” (BAUMAN, 2013, p. 16).

A proliferação de informações menos fugazes, isenta as pessoas de problematizar as obrigações impostas por seus criadores e operadores e passaram instantaneamente para as mãos dos indivíduos, fazendo uso de sua autonomia, que se veem como detentores do poder absoluto de escolha e do uso de sua “liberdade pessoal” de opinar e decidir sobre os desafios e problemas da vida coletiva com postagens, mensagens instantâneas, tuítes e *memes*.

No mundo atual, os indivíduos exercem essa força ilusória, popularizada e ampliada pela criação das redes sociais, sem nenhuma preocupação com o que publicam ou compartilham em seus perfis. Agem socialmente, pouco preocupados em estar dentro ou fora dos ditames da sociedade. Nesse ambiente, onde as pautas e agendas mudam de acordo com a vontade dos produtores e consumidores, a realidade dá lugar à fantasia e os fatos perdem credibilidade diante da opinião. Esse estado das coisas, desencadeado por uma constante avidez por novidades, tem atendido principalmente ao mercado capitalista, produtor de conteúdos cada vez mais ficcionais, fruto do desejo dos consumidores.

Esse controle, por parte de algumas plataformas digitais ou mesmo analógicas, torna substituíveis os valores outrora basilares. Assim, questões sérias como os Direitos Humanos, as democracias, as desigualdades sociais são colocadas em segundo plano. Circunstâncias perigosas que estão abalando valores construídos sob bases frágeis, contudo, muito necessárias para chegarmos até aqui. Apesar dos custos, esses valores estão sendo questionados e colocados contra a parede em nome de debates que possuem foco no desejo pessoal de uma minoria que quer fazer prevalecer as vontades de seus membros em detrimento na maioria.

2. *Informação, individualismo e o consumo no mundo líquido moderno*

Nossa sociedade vem sofrendo e provocando mudanças significativas em diferentes esferas. Uma delas certamente está diretamente ligada à maneira como emitimos e recebemos as informações. Segundo Bauman (2013, p. 17) “a modernidade líquida é a arena de uma batalha constante e mortal travada contra todo tipo de paradigma e à rotina, ou seja, que impõem a monotonia e mantêm a previsibilidade”.

Levando em consideração a metáfora analítica de Bauman, pode-se dizer que, nossa cultura está sendo transformada o tempo todo e que os padrões anteriormente identificados como estáticos ou sólidos estão cada vez mais maleáveis e líquidos. Nesse caso, somos fruto de uma mudança social que nos modelou como uma sociedade de consumidores, “em que a cultura, se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes” (BAUMAN, 2013, p. 18).

Para Bauman (2005), essa mudança e o colapso do bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança advindas desse contexto, está diretamente ligada a questão da identidade. Pois, segundo ele, a “corrosão do caráter” que a insegurança e a flexibilidade dos valores têm criado condições para o esvaziamento das instituições democráticas e para a privatização da esfera pública. Fato que tem colaborado de forma significativa para dar voz às justificativas infundadas e descompromissadas com os fatos mais relevantes para manutenção da ordem social e o combate as injustiças. Dentro desse escopo podemos encontrar de forma exemplar o fenômeno frequente e recente das *fake news*.

A vida social, das sociedades em rede alterou o modo da sociedade de vizinhança, onde todos conheciam todos e o grau de confiança era mais elevado entre os membros de uma comunidade. Atualmente, os espaços de convivência social foram virtualizados, o que aumentou o nível de intimidade e insegurança entre os indivíduos. Na cultura “líquido-moderna”, as pessoas passaram a desejar cada dia mais o consumo exposto em telas e aparelhos eletrônicos lotados de atrações que surgem e se esvaem na mesma velocidade que você comprou. A satisfação total quanto ao consumo tornara-se uma miragem no horizonte dos sujeitos que são iludidos pelas infinitas marcas, *slogans*, grifes e produtos que oferecem um ar de superioridade para aqueles que possuem tais itens e exibirem para seus pares.

Esse argumento também pode ser notado na maneira como consumimos as informações na pós-modernidade. O desejo iluminista de popularização das ciências e da informação, iniciado pelo movimento enciclopedista, teve terreno fértil para crescer junto com o desenvolvimento tecnológico que surgiu com a Revolução Industrial. Mas, a partir do momento que mais informação começaram a circular, surgiu também um nicho de mercado para as fantasiosas teorias conspiratórias e contra-producentes para a sociedade. Sobre isso Adorno e Horkheimer (1985, [s.p.]) afirmam que hoje definiríamos esses indivíduos como adeptos da teoria da conspiração. Tratando-se de indivíduos que criam explicações científicas fantasiosas e extravagantes para demonstrar fatos por trás dos quais veem implicada uma vontade maldosa, geralmente identificada com um grupo de interesse ou com um *lobby*.

Os resultados obtidos a partir dessas ações de notícias intencionalmente articuladas e publicadas têm ganhado cada dia mais facilidade para circular nos aparelhos e tecnologias da sociedade contemporânea. As *fakes news* são uma nova ameaça para estabilidade conquistada por décadas de estudo e desenvolvimento civilizacional. A efemeridade com que consumimos um bem material, como um celular, por exemplo, que após alguns meses de uso descartamos, pois não está mais seguindo as tendências da moda, também tem afetado os fatos e teorias científicas como o uso de medicamentos e vacinas. Pois, alguns grupos que desejam espalhar o caos ou almejando seguidores de suas convicções ideológicas, disseminam notícias falsas sobre a eficácia e a necessidade do uso desses recursos que a medicina levou anos para desenvolver e aplicar na população.

Esse tipo de *fake news*, causam danos enormes ao bem coletivo, pois os indivíduos alegam poder e o direito de fazer suas escolhas, seguem correntes de notícias falsas como verdades e se negam a acreditarem na validade da ciência e da justiça. O que abre precedentes para uma exagerada judicialização de questões que julgávamos superadas pelo combate ao analfabetismo e o aumento da escolarização e a popularização dos conhecimentos científicos. Levando esse debate para arena educacional e política, acabam por atacar grupos bem definidos. E se tiverem sucesso no recrutamento de novos seguidores acabam criando um exército de disseminadores do ódio e que pregam a supremacia de determinados grupos religiosos e étnicos que ameaçam grupos que apresentam traços de fragilidade ou que sejam um alvo fácil que contrariem suas convicções ideológicas.

No entanto, temos de debater o tema e enfrentar essa problemática usando diversas frentes de batalha e acreditamos que a principal arma para refrear esse fenômeno de nossos tempos seja a Educação.

3. *Análise crítica dos textos denominados fake news*

Diante da lógica capitalista de consumo, a modernidade líquida é veloz e acompanha o pensamento de cada época; assim, tudo que compõe a sociedade também exerce forte papel sobre ela, seja na ciência, na política, na educação, na saúde e até mesmo nas relações humanas. O crescente aumento das redes sociais e plataformas digitais deram ainda mais força para que as relações se tornassem cada vez mais banalizadas e superficiais. Nessa sociedade “líquido-moderna” o sociólogo Zygmunt Bauman (2013, p. 22), que cunhou esse conceito, afirma que na pós-modernidade “nada é visto como estando aqui para sempre, nada parece insubstituível”. Mediante a liquidez dessa sociedade, na qual as informações se apresentam de forma duvidosa e traiçoeira, é necessário repensar a postura perante as mesmas para não ser aprisionados em suas armadilhas.

Dessa maneira Bauman (2013) elucida que à forma de vida atual não falta oportunidades e ameaças, mesmo em uma sociedade “líquido-moderna” dos consumidores, desregulamentada e individualizada, constituída num ambiente cada vez mais globalizado, não há exceção. O citado autor considera que, nesta sociedade de consumidores, a indústria de eliminação, remoção e descarte de dejetos é uma das poucas atividades com garantia de crescimento contínuo e imune aos caprichos dos mercados de consumo.

A busca e o uso da informação são necessidades básicas na era digital, na qual os meios de informação se reinventam constantemente em diferentes formatos. Acompanhar a velocidade e credibilidade dessas informações são os maiores desafios para o desenvolvimento dessa sociedade em tempos de pós-verdade.

O conceito de pós-verdade (*post-truth*), para Gooch (2017), consiste em descrever o momento que vivemos hoje como circunstância em que os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública que as emoções e as crenças pessoais. A pós-verdade pode ser considerada como uma distorção da realidade com o objetivo de influenciar a opinião pública e as atitudes das pessoas.

A pós-verdade não é um fenômeno novo, entretanto o termo ganhou maior relevância no âmbito da política em discursos sobre as *fake news*, uma vez que tais discursos são baseados na manipulação e distorção da realidade em textos que apelam para o lado emocional. Muitas vezes, a pós-verdade é artifício para acobertar uma verdade inconveniente, fazendo promessas impossíveis. Ademais, vale destacar que, conforme Adorno e Silveira (2017), os discursos sobre pós-verdade e *fake news* fazem trabalhar os sentidos de verdade e mentira, real e ficção, atual e virtual.

O termo *fake news* ganhou força em 2016, durante a corrida eleitoral para presidência dos Estados Unidos quando Trump compartilhava notícias falsas sobre a candidatura da oposição, Hillary Clinton. A partir da frase ‘uma mentira dita mil vezes torna-se verdade’ dita por Joseph Goebbels, o que resume conceito das *fake news*. Elas são o resultado da era da pós-verdade. De acordo com Araújo (2020), vivemos numa era de pós-verdade, na medida em que a verdade se subordinou à política. Isto tem implicações não só para os debates políticos, mas também para a ciência, a tecnologia e o pensamento de senso comum.

Nesse momento de pós-verdade, surge outra questão que contribuiu para esse contexto, a pandemia pela COVID-19, que em 2020 assolou todo o mundo com as medidas de isolamento social e fechamento de instituições públicas e privadas levando um aumento substancial de notícias diárias para manter atualizados dos acontecimentos mundiais, por meio das plataformas digitais. As redes sociais e plataformas digitais trouxeram muitos benefícios para grande parte da população, para o comércio, para o trabalho *home-office*, para as aulas online e até mesmo para o entretenimento. Embora as redes sociais tenham sido grandes aliadas durante o isolamento social na pandemia, também é verdade que essas ferramentas não só potencializaram o uso de *smartphones* e computadores quanto a proliferação em massa de uma carga de informação que tanto provocou ansiedade, medo e desespero. A utilização intensiva nas redes sociais também pode gerar um "excesso" de informação ou, em muitos casos, desinformação. Com a desinformação surge um conjunto de *fake news* entre os compartilhamentos na rede, um volume de informações que confunde as que são verídicas com as de conteúdos de baixa qualidade provocando uma crise na comunicação o que inspirou a expressão “infodemia”.

Conforme estudos realizados pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e publicado na revista especializada *Science*, entre

os anos de 2006 e 2017 os pesquisadores estudaram notícias compartilhadas 4,5 milhões de vezes por cerca de 3 milhões de usuários do *Twitter*, na intenção de analisar a propagação das *fake news*. “Ao analisarmos a dinâmica de difusão de rumores, descobrimos que os falsos se difundiram mais longe, mais rápido, mais profundamente e mais amplamente do que os verdadeiros” (REVISTA SCIENCE, 2018), diz o estudo. Uma notícia falsa tem 70% mais chances de ser compartilhada no *Twitter* do que uma verdadeira, entretanto uma história verídica demora seis vezes mais tempo para atingir 1.500 usuários do que uma falsa.

As redes sociais são as principais disseminadoras de compartilhamentos de notícias falsas, entre elas o *Facebook* está em primeiro lugar no ranking. Neste contexto, considerando as mudanças estruturais em razão das novas tecnologias, também podem ser influenciadas por meio da ação dos algoritmos em razão da eventual interferência no sistema de acesso ao conteúdo. As *fake news* também contam com sua lógica própria na semântica dos algoritmos, aproveitando-se da bolha onde o usuário se encontra. Esta programação algorítmica conta com um sistema de proteção e análise da veracidade das mensagens compartilhadas em redes na *Web*, embora contenham suas próprias intenções de refinamento.

Em tempos de pandemia outra ferramenta digital tem servido de forte aliada para a ampla divulgação das *fake news* conseguindo “escapar” sem rastreamento dos algoritmos, os grupos de *WhatsApp*, por possuírem um sistema de criptografia que protegem seus usuários conseguem compartilhar no privado imagens, vídeos, áudios sem nenhuma restrição ou busca. O aplicativo propicia uma difusão de notícias falsas por meio de mensagens em grupos de amigos, familiares, trabalho sem caráter público e são difíceis de rastrear.

As *fakes news* alcançam um número cada vez maior de pessoas sem levar em consideração os fatos, pois se deixam levar pelas emoções ou crenças que melhor lhes agradam. No entendimento de Hegenberg (2019, p. 107), “os fatos históricos passam a ser aceitos ou rejeitados de acordo com a convicção individual, sem maior necessidade de verificação”. O citado autor esclarece que mediante o que foi percorrido “observa-se que o ego se coloca acima da ciência consolidada, a percepção da realidade se ajusta ao que o indivíduo se sente mais confortável em acreditar” (HEGENBERG, *ibidem*).

Na atualidade, a responsabilidade de uso da internet vem sendo discutida, prementemente. É mister, mais do que nunca, que as pessoas chequem as informações antes de compartilhá-las. Ao analisarmos as

linguagens digitais e suas implicações no contexto educacional, também podemos, como professores de línguas, desenvolver em nossos estudantes o anseio de uma curadoria das informações. As informações quando compartilhadas sem serem previamente questionadas, colaboram para um ambiente de incertezas. O combate às *fake news* se faz urgente, lutar em meio a uma sociedade líquida. Neste sentido elucida Bauman (2013, p. 23): “mas se pode dizer que nenhuma outra época a necessidade de fazer escolhas foi tão profunda”.

É preciso checar a autenticidade das informações colocando a mão na massa, e, assim professores e alunos juntos experenciam princípios de análise e curadoria dos fatos e mensagens. Urge a construção de novas habilidades e competências que proporcione o repensar de novos processos de ensino e de aprendizagem na pós-modernidade, especialmente no ensino de Língua Portuguesa, onde os textos poderão ser analisados e interpretados de modo a formar cidadãos mais críticos e reflexivos. Desse modo Andrea Iorio (2019, p. 30) assegura que “Competência é a inteligência prática de situações que se apoia em conhecimentos adquiridos e os transforma com tanto mais força quanto maior for a complexidade das situações”.

Sendo assim, os que creditam na legitimidade do conteúdo e o compartilham, não fornecem credibilidade aos dados e fontes citadas, mas sim, àquele que o encaminhou. Neste sentido, a mensagem passa a ser legítima, tanto que o receptor passa adiante as informações recebidas sem realizar checagem da mesma.

4. Educar em um mundo que se transforma velozmente

A questão que nos instiga ao analisarmos o impacto das *fake news* na sociedade atual e na atmosfera de incredulidade que paira sobre a veracidade das informações e na reprodução massiva de comunicação digital nos faz refletir sobre como isso também reflete na formação dessa nova geração emergente da contemporaneidade. A mobilização para a mudança de atitudes em relação a pós-verdade deve vir desde o âmbito social, cultural, político e educacional. O autor e pesquisador sobre essa área Matthew D’ancona (2018) diz que a pós-verdade é uma tendência, e profundamente alarmante. Todavia esse não é um ponto-final. Os que se encontram desanimados com essa virada incorreta precisam se reerguer e contra-atacar. “A pior resposta é a passividade muda” (D’ANCONA, 2018, p. 100). A educação certamente pode provocar grande efeito nesta

virada, partindo do princípio em que se dispõe a orientar nossos alunos sobre como tratar os grandes desafios informacionais, transformando-os em sujeitos críticos, investigativos e motivados a produzir novos conhecimentos. D'ancona (2018, p. 101) enfatiza que “ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente de nossa época”.

Nesse entendimento Bauman (2013) salienta que, num mundo como este, assumimos a vida pouco a pouco, tal como ela nos vem, esperando que cada fragmento diferentemente dos anteriores, exigindo novos conhecimentos e habilidades. Torna-se importante fomentar em nossos alunos a busca do saber constante orientando a investigar e criar soluções para as variadas influências midiáticas. O referenciado autor corrobora dizendo que “O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 24).

Dessa forma, quanto à sociedade em rede dos dias atuais, o sociólogo Manuel Castells (2003) refere-se ao processamento da informação e da geração de conhecimento como um dos maiores desafios na Era da Informação, sendo o sistema educacional a mais forte ferramenta para desenvolver a capacidade autônoma de aprender e pensar (CASTELLS, 2003, p. 226). Para esta transformação tão esperada é necessário assumir novos posicionamentos diante das demandas para que educação digital de fato aconteça. Sendo assim, constata-se que a aquisição da capacidade intelectual de aprender a aprender demanda recombinação das informações digitalmente armazenadas e produção de conhecimento para qualquer fim que tenha em mente de maneira consciente, crítica, criativa e produtiva (CASTELLS, *ibidem*, p. 238). De fato, a Internet é uma tecnologia da liberdade, “mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor”.

Uma das estratégias pedagógicas que vem sendo alvo de pesquisas e estudos é a curadoria digital. Em tempos de tecnologias digitais, professores em suas práticas diárias se tornam um pouco de curadores de conteúdos, todavia, é preciso aprimorar habilidades e competências para a curadoria educacional de modo a desenvolver a reflexão, a crítica e a conscientização diante das informações.

De acordo com Garcia e Czeszak (2019), a palavra curadoria deriva da raiz latina *curare*, ou “curar”. Curar na intenção de organizar, selecionar e preservar. Etimologicamente esse termo tem por significado o

de dar orientação mantendo uma coerência sobre as informações, dados, conhecimentos em diversos contextos.

No contexto educacional, especialmente no ensino de línguas, a função da curadoria tem por objetivo tratar e discutir conteúdos e informações, ensinar como fazer investigações, como encontrar fontes fidedignas, contribuindo assim para formação de novos olhares sobre diversificados contextos. A curadoria educacional aliada às práticas pedagógicas e metodologias adequadas poderão desenvolver nos alunos uma compreensão maior dos fatos e uma análise mais crítica das informações sob a ótica de estratégias que motivem os alunos a se posicionarem diante das *fake news* e uso das tecnologias digitais.

Em meio à transformação digital as escolas que se mantiverem focadas em uma aprendizagem baseada na transmissão de informações perderá seu sentido. Iorio (2019, p. 32) salienta que “transformação digital não é um termo sobre tecnologia, mas sim sobre pessoas”. As escolas precisam estar preocupadas em como lidar com a gigantesca quantidade de informações e saber relacioná-las. Conforme Iorio (2019, p. 47) “é necessário desenvolver a capacidade de dar sentido a essas informações, de apontar as diferenças entre o que é ou não importante e, acima de tudo, de combinar pedaços de informação e criar uma imagem do mundo”.

As escolas precisam desenvolver habilidades e competências para além da gramática e do cálculo matemático, contudo competências que demandam inclusive para desempenhar profissões do futuro como pensamento crítico, colaboração, capacidade de adaptação, comunicação e a habilidade de manter o equilíbrio mental em situações adversas. Afinal como o próprio Zygmunt Bauman declara: “mesmo carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas” (BAUMAN, 2013, p. 28). O que esperamos é abrir um novo caminho para construir um futuro mais seguro e possivelmente mais justo diante da liquidez de uma sociedade corrompida por comportamentos repetitivos e sem credibilidade. Acreditamos que podemos, através da educação mudar este cenário e apostar nesta nova geração.

5. Considerações finais

Enquanto a sociedade globalizada não aprender a lidar com a constante crise ocasionada pelo afastamento do Estado do poder político, lidaremos com um cenário delicado em diferentes áreas sociais. A elite global, pensada como os agentes detentores da produção e dos recursos

destinados a vender e estimular o consumo não consciente, estaremos re-fêns de uma ideia de globalização negativa e selvagem. Realidade a qual somos arrastados diariamente para debates e arenas as quais não temos argumentos ou armas adequadas para nos defender dos ataques de comunidades as quais não temos afinidades ou estilos de vida parecidos. Diante desse contexto, as *fakes news* funcionam como pequenos focos que causam um grande incêndio. Os danos causados pela desinformação e movimentos negacionistas, com clara intenção de questionar os avanços positivos trazidos pela própria globalização e seus desdobramentos, fazem com que os indivíduos busquem um lugar de fala ou destaque social, espalhando virtualmente pós-verdades que reduzem o espaço para um debate mais profundo, capaz de diminuir as injustiças, desigualdades, preconceitos, evitando assim a ampliação dos direitos essenciais a vida como saúde, educação, justiça e segurança.

Enfrentar esse mal que nos aflige torna-se imperativo e devemos resistir aos ataques das *fake news*, com uma sólida formação educacional e científica. Se não enfrentarmos essa nova Hidra de Lerna, com empenho hercúleo estaremos fadados a sermos devorados por suas várias cabeças que insistem em nos agredir todos os dias com seus dentes afiados e pegajosos, impregnados pelos males da mentira e com um hálito fétido de um mostro que se alimenta da inocência e a ilusão de muitos mortais que se deixam levar por seus poderes malignos. Tendo em vista que enfrentar monstros requerem armas mágicas e ação destemida, acreditamos na máxima dos mitos e histórias clássicas, onde a verdade e o bem sempre subjugam a mentira e a maldade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana da. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. In: VIII SEAD – SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, Recife. *Anais*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. p. 1-6. Disponível em: encurtador.com.br/aeE00. Acesso em: 15 jan. 2021.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO, S. Truth. Post-Truth: Lessons from William James. *Journal of Constructivist Psychology*, Londres, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/rCJU3. Acesso em: 15 jan. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013a.

_____. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013b.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

D'ANCORA, Matthew. *Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri: Faro, 2018.

GARCIA, Marilene S. S.; CZESZAK, Wanderlucy. *Curadoria educacional: Práticas pedagógicas para tratar (o excesso de) informação e fake news em sala de aula*. São Paulo: Senac, 2019.

GOOCH, Anthony. No Pós das verdades. *Revista UNO: A era da pós-verdade: Realidade Versus Percepção*, n. 27, p. 14-15, São Paulo, março, 2017.

HEGENBERG, Ivan Alexander. Fake news como desafio para a cultura. *Palimpsesto*, v. 18, n. 30, p. 100-13, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/oqyEP. Acesso em: 15 jan. 2021.

IORIO, Andrea. *6 competências para surfar na transformação digital*. São Paulo: Planeta Estratégica, 2019.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

REVISTA Science. *A disseminação de notícias verdadeiras e falsas online*, v. 359, 09 de março de 2018: Disponível em: encurtador.com.br/blxZ3. Acesso em: 11 jan. 2021.